

O dólar causa divergências

**LEONARD SILK
DO N.Y.TIMES**

NOVA YORK — Está aberta uma polêmica entre Paul A. Volcker, presidente da diretoria da Reserva Federal (o Banco Central norte-americano) e o secretário do Tesouro, James A. Baker. E ela acontece às vésperas do início das reuniões anuais do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, em Washington.

Na semana passada, por ocasião de seu depoimento ao Congresso, Volcker disse acreditar que o dólar já se desvalorizou o suficiente, e que outras mudanças de política seriam necessárias para reduzir o déficit comercial dos Estados Unidos. Mas Baker, apenas alguns dias antes disso, tinha declarado que um maior declínio do dólar seria necessário, a não ser que outros países acelerassem o seu próprio crescimento econômico. A declaração de Baker serviu para aumentar a temperatura nos meios financeiros internacionais. Os diretores dos bancos centrais da Europa, reunidos em Gleneagles, na Escócia, chegaram a alertar que, para impedir uma maior desvalorização do dólar, eles estariam preparados para intervir nos mercados de câmbio.

Os porta-vozes de Volcker na Reserva Federal não negaram que ele procurou se distanciar da posição assumida por Baker em relação ao dólar e avisar a administração e o Congresso de que a política monetária sozinha não é suficiente para resolver os problemas comerciais, de crescimento e de dívida, que foram criados pela política fiscal.

"O que teremos de fazer", disse Volcker, "é consumir menos e exportar mais". Isto implicaria que o Japão, a Alemanha Ocidental e outros países europeus deverão consumir mais e exportar bem menos.

Na opinião de Volcker, caso os Estados Unidos se recusem a assumir essa posição, o país ficará em sérias dificuldades. Os norte-americanos têm vivido,

disse ele, numa espécie de "paraíso falso" com o país vivendo muito além de suas possibilidades e dependendo de empréstimos contraídos no Exterior para manter o seu padrão de vida. Este desequilíbrio terá forçosamente de terminar, enfrentando-se dolorosos ajustes, como cortes nos déficits de orçamento e de comércio externo. "Nós tivemos a sorte de conseguir levar isto durante cinco anos, mas não podemos continuar assim por muito tempo", disse Volcker.

A ação iniciada pela Câmara dos Representantes esta semana para reduzir o déficit orçamentário de 1987 em US\$ 15,1 bilhões — através de um pacote que inclui vendas de bens federais, mudanças contábeis, implementação mais rígida das leis fiscais e uma nova taxa alfandegária — não acabou com a crença dos europeus e dos japoneses de que nem o Congresso e nem a administração estão preparados para atacar o problema de maneira séria e eficiente.

E a nova legislação fiscal, apesar de ter sido propagandeada como algo que não afetaria o total da receita, despertou preocupações de que acabará sendo mais um corte fiscal.

O realismo demonstrado por Volcker deverá ajudar a acalmar os europeus. Ele não está, de maneira alguma, discordando da administração quanto à necessidade de que os japoneses e os norte-americanos acelerem o seu próprio crescimento. Nem tampouco, apesar da sua advertência aos norte-americanos de que eles devem consumir menos e exportar mais, ele deseja que os Estados Unidos ingressem numa recessão como meio para resolver o problema do comércio externo. Na verdade, ele está falando a respeito de mudanças relativas, a longo prazo, na composição do produto nacional bruto dos Estados Unidos. Mas as suas preocupações quanto ao agravamento da fraqueza do dólar o levaram a adotar uma linha diferente da preferida pela administração no momento.